ISSN 2525-4812 (versão on-line)
ISSN 2238-7641 (versão impressa)
http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/index

Recebido em: 29/5/2022
Aceito em: 20/9/2022
Período de publicação: 2024

Revista Terceira Margem Amazônia
(v. 11 • n. 23 • 2024)

Como citar o artigo:

FREITAS, M. N. M. de; ALCÂNTARA, M. M. de. Criança, infância e Amazônia na produção acadêmica da Pós-Graduação em Educação – Região Norte. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 11, n. 23, p. 11-26, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2024v11i23.p11-26.

CRIANÇA, INFÂNCIA E AMAZÔNIA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

REGIÃO NORTE

Maria Natalina Mendes Freitas[1]
Murilo Matos de Alcântara[2]

Resumo: O presente estudo busca dar visibilidade às produções acadêmicas sobre a temática criança, infância e Amazônia, a partir do mapeamento das teses e dissertações produzidas e defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do País, período que corresponde ao recorte temporal de 2010 a 2020. Buscou-se compreender, com base na Sociologia da Infância e nos estudos da História da Infância, o estado do conhecimento sobre criança-infância-Amazônia na Região Norte do Brasil, produzido em Programas de Pós-Graduação em Educação, para situar seu sentido. Objetiva-se verificar como os efeitos de dizer dos produtos e seus resultados produzem um conhecimento que circula entre os textos dos interlocutores da área; e mapear os sentidos que os textos produzem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que está em andamento e se aproxima de estudos configurados como estado do conhecimento. A partir dos termos "criança", "infância" e "Amazônia", foram catalogadas, nos repositórios de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação da Região Norte, as produções acadêmicas, totalizando 73 produções (59 dissertações e 14 teses) referentes à temática foco do estudo. Acreditamos estar contribuindo para que as crianças e suas infâncias na Amazônia sejam reconhecidas em seus saberes, experiências e cultura local, merecendo atenção no campo das políticas públicas, formação acadêmica e continuidade de pesquisas.

Palavras-chave: estado do conhecimento, infância, criança, Amazônia.

[1] Professora da Faculdade de Educação/Campus Universitário de Bragança. Coordenadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância, Educação, Cultura na Amazônia Paraense/NEPIECAP.
E-mail: mnfreitas@ufpa.br
https://orcid.org/0000-0003-0034-5618

[2] Licenciado em Pedagogia, membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância, Educação, Cultura na Amazônia Paraense/NEPIECAP.
E-mail: matos mutilo22@hmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7724-8950

CHILD, CHILDHOOD AND AMAZON IN THE ACADEMIC PRODUCTION OF THE POST-GRADUATION IN EDUCATION – NORTHERN REGION

Abstract: This paper seeks to give visibility to academic productions on the theme child, childhood and Amazon, from the mapping of theses and dissertations produced and defended in Post-graduation Programs in Education in the North Region of the country. A period that corresponds to the time frame from 2010 to 2020. The objective is to understand the state of knowledge about child-infancy in the North Region of Brazil, produced in Post-graduation Programs in Education, based on Sociology of Childhood and History of Childhood studies, in order to situate its meaning. Methodologically, this is a qualitative and bibliographical research, which is in progress and approaches studies configured as state of knowledge. Based on the terms "children", "childhoods" and "Amazon", we catalogued the academic productions in the repositories of theses and dissertations from Post-Graduation Programs in the North region, totaling 73 productions (59 dissertations and 14 theses) referring to the theme focused on the study. We believe we are contributing to the children and their childhoods in the Amazon are recognized in their knowledge, experiences, and local culture, deserving attention in the field of public policies, academic training, and continued research.

Keywords: state of knowledge, childhood, child, Amazon.

Introdução

Este texto originou-se no âmbito da Pesquisa "Crianças, Infâncias, Amazônia: Mapeamento de Produções Acadêmicas em Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte" (FACED/UFPA - Bragança/PA). Objetiva-se, neste sentido, socializar os resultados parciais da pesquisa, que se encontra em andamento. Sua relevância justifica-se por ser uma temática que pouco aparece nas produções acadêmicas de Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte.

A história da educação da criança e da infância brasileira na Amazônia vem ganhando visibilidade, ainda que timidamente, nas últimas décadas. É desejo dos pesquisadores consolidar essa área temática nas ciências humanas e sociais da região, desejo esse expresso por Mota (2016), devendo constituir-se como uma área própria, onde estão presentes saberes específicos, que dialogam e se articulam com as outras áreas de conhecimento. Assim, apontam Freitas e Toutonge (2021, p. 4):

> Adentrar no universo cotidiano do contexto amazônico se apresenta relevante por contribuir para o aprofundamento de aspectos das ruralidades existentes no país e, também, constitui-se uma forma de registro dos saberes e dos fazeres de sujeitos em formas de vida e de produção, de práticas educativas que poderão ser úteis para pensar políticas públicas educacionais para esses contextos.

Esse adentrar pode desvelar e elucidar as diversas culturas infantis, os saberes e as experiências de aspectos das manifestações infantis frente à cultura escolar, e aos modos próprios de viver de crianças e suas infâncias na Amazônia. Requer também ouvir e perceber as crianças nas vivências interativas com seus pares e com os adultos, buscando compreender os sentidos atribuídos "aos processos dialógicos que se estabelecem nas suas interdependências e alargando-as das relações intergeracionais às intrageracionais", conforme sinalizado por Ferreira e Lima (2020, p. 4).

Nessa direção, os pesquisadores podem identificar as problemáticas sociais, seus conflitos socioculturais, assim como as políticas educacionais que são propostas para os territórios rurais amazônicos e, neste sentido, em longo prazo, buscamos consolidar, alicerçados por tais estudos e pesquisas nesses/desses contextos, a construção de uma possível Sociologia e Antropologia da infância amazônida e de uma Pedagogia da infância nas/das águas e nas/das matas para a educação do campo paraense.

A Amazônia apresenta uma cartografia social que contempla uma diversidade e uma pluralidade de sujeitos/sujeitas. Neste sentido, são múltiplos os tempos da infância, coexistindo com realidades e com representações diversas. Daí, a necessidade de se compreender criança e infância, pois esses coletivos estão interconectados com seus contextos, suas culturas, suas histórias e seus saberes.

Se antes a criança era estudada pelo que lhe faltava, a partir dos estudos da Sociologia da Infância, essa criança passa a ser entendida a partir de suas culturas e da compreensão de seus modos de pensar e viver. A perspectiva que almejamos é dar visibilidade às crianças e à infância na/da Amazônia, seja a partir do cenário educacional brasileiro que, nas últimas décadas, vem ganhando destaques nas produções acadêmicas, seja pelas amplas discussões suscitadas por pesquisadores, juristas, psicólogos, professores, entre outros atores, a partir do novo ordenamento legal vigente no país, onde se destaca a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 2000), o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (Brasil, 2001a) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (Brasil, 2001b). São conquistas significativas, que despertaram um novo olhar para as realidades dos territórios rurais, onde se encontram as crianças brasileiras, culminando com a mobilização nacional em prol do novo paradigma da educação do Campo.

Esse novo paradigma faz florescer um amplo debate sobre/com os/as sujeitos/sujeitas do campo e, a partir de então, diversas pesquisas são desencadeadas nos programas de pós-graduação brasileiros e, de modo mais específico, Programas de Pós-Graduação de Educação. No desses estudos estão as crianças e as infâncias na/da Amazônia, ganhando visibilidade, despertando os mais diversos interesses para falar, escrever e refletir sobre as realidades em que se encontram nesses rincões amazônicos do nosso país.

Assentando-se nesta perspectiva, este texto busca dar visibilidade às produções acadêmicas sobre a temática criança, infância e Amazônia, a partir do mapeamento das teses e dissertações produzidas e defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do País, período que corresponde ao recorte temporal dos anos de 2010 a 2020. Elege-se esse recorte, por termos percebido uma concentração de pesquisas acerca da temática, e pelas questões que nelas estão imbricadas. Percebe-se, nessas pesquisas, uma multiplicidade de objetos de estudos que abrangem variados temas: práticas pedagógicas, saúde e infância, imaginário amazônico, educação em ciências, o brincar, Educação Infantil ribeirinha, entre tantos outros temas pertinentes, relacionados com os territórios amazônicos.

Observa-se que às crianças amazônidas tem-se assegurado cada vez mais uma infância em que a educação se coloca como direito inalienável e que, decerto, a produção acadêmica corrobora para esse avanço, mas é preciso compreender essa produção na dimensão do impacto que vem

provocando (ou não) para a ampliação desse direito e na sua real articulação com a história das crianças desse território.

É com base nessas reflexões, resultantes de um volume de trabalhos empíricos realizados, que deslocamos nosso olhar para a produção acadêmica que trata da relação criança-infância-educação na Amazônia, tendo em vista a recorrência dos seguintes indicadores: os Programas de Pós-Graduação das Universidades da Região Norte do País, as linhas de pesquisa, os objetos de estudo, as abordagens metodológicas e as técnicas/os instrumentos de pesquisa desses trabalhos.

Criança e Infância nas Pesquisas

As discussões sobre as crianças e a infância são contemporâneas e se apresentam acerca da condição infantil na sociedade, despertando interesse entre os profissionais da educação que, por meio dos estudos sociais da Infância (Antropologia da Criança e Sociologia da Infância), buscam ressignificar os conceitos de criança, de infância e de educação escolar.

Esses estudos apontam que as crianças precisam ser incentivadas a produzir conhecimento, e não apenas a consumi-lo. Observar, entender e respeitar as relações estabelecidas entre as crianças e adultos não parece ser uma tarefa fácil. Deve ser um convite diário ao exercício do inusitado, do lúdico, das dimensões humanas e artísticas, para refletir sobre as ações educativas destinadas às crianças da Educação Infantil, do primeiro ano do Ensino Fundamental, a partir das relações estabelecidas entre meninos e meninas da mesma idade e de idades diferentes, nos espaços públicos institucionais de educação, seja no meio urbano, seja no meio rural.

A atenção a essas questões passam a exigir, a partir de então, a busca de uma maior interlocução disciplinar que pudesse dar conta, de forma mais articulada, dos processos políticos, econômicos, históricos, sociais e culturais envolvidos na educação dessas crianças. Nessa perspectiva, a criança constrói sua identidade e autoestima na relação com o espaço em que vive, com sua cultura, com os adultos e as crianças de seu grupo. Dessa forma, essas crianças têm direito a uma educação que valorize suas experiências, seus modos de vida, sua cultura, suas histórias e suas famílias, que respeite os tempos do ser criança e de sua infância, assim como os modos de convivência e de produções culturais.

Em 1940, Florestan Fernandes surge como um dos primeiros sociólogos a apresentar estudos focalizando a criança em suas pesquisas. Podemos encontrar em seu livro Folclore e mudança social na cidade de São Paulo, registros de elementos constitutivos das culturas infantis, captadas a partir de suas observações em grupos de crianças e suas brincadeiras na rua de um bairro operário judeu paulistano (Fernandes, 2004).

O autor observou, registrou e analisou o modo como se realiza o processo de socialização das crianças, entre elas e com os/as adultos/as, como organizam seus espaços de sociabilidade, as características dessas práticas sociais, enfim, como as crianças constroem a cultura infantil.

Ter compreensão desses aspectos, assim como a transformação demarcada pela cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir de suas próprias práticas como condição humana, implica o reconhecimento das peculiaridades do lugar e da territorialidade onde estão inseridas essas crianças, são discursos que caracterizam e

identificam a infância, a educação e a cultura de pares, contribuem para um pensar educativo de pertencimento, valorizando seus saberes e os modos de vida nos seus territórios.

Corsaro (2011) afirma que o mais difícil tem sido romper com a imagem da criança individual, da criança que aprende, cresce e se desenvolve sozinha, independentemente de seu contexto, por apresentar uma concepção formulada e constantemente asseverada pela Psicologia evolutiva clássica. Acredita esse mesmo autor que outras teorias estão sendo hoje formuladas para compreender o desenvolvimento humano, sempre relacionando a criança à presença de "outros significativos". Diz ainda que inicialmente a ênfase sempre fora dada à relação entre as crianças e os adultos, mas que, nos últimos anos, a importância das relações e interações entre pares vem sendo observada como uma efetiva forma de socialização e desenvolvimento.

Manuel Sarmento, estudioso português do campo da Sociologia da Infância, nos ajuda a compreender como essa área se constituiu e vem se constituindo como campo de estudo. Esse autor destaca, a partir desse campo epistemológico, um duplo objeto de estudo: as crianças como atores sociais; e a infância como categoria social. Transitar nesse campo epistemológico nos ajuda a compreender o papel que a escola exerce na educação da criança e de sua infância (Sarmento, 2011).

Nesta mesma direção, Muller (2006, p. 6) entende a cultura escolar como "toda a vida escolar com seus atos, ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer". Por esse viés é que a escola organiza o currículo, os conteúdos escolares, os tempos e os espaços com a intenção de imprimir nas crianças os modos desejados e impostos por interesse de determinada sociedade.

Outra contribuição importante sobre a cultura escolar nos vem de Sacristán (2005). Este nos diz que foram os adultos, por meio de suas experiências históricas, que inventaram o aluno como uma construção social. Isso significa que o tempo escolar é um tempo de não ser adulto, no sentido de que o tempo de estar na escola seria um tempo de aprender a ser aluno. Segundo ele, é tão natural ser aluno que não se questiona o que "significa ter essa condição social que é contingente e transitória" (Sacristán, 2005, p. 13). O autor destaca ainda que, em torno da categoria aluno, criou-se uma ordem social, com determinados papéis e modos de vida que se tornaram familiares, justamente pelo fato de estarmos acostumados a eles. Assim, essa ordem vai garantindo e submetendo os/as sujeitos/sujeitas a uma determinada maneira de ser.

Os estudos desses autores indicam caminhos, perspectivas e desafios para quem se lança a percorrer o labirinto de pesquisas com crianças, infância na/da Amazônia, em face do avanço das produções e da ampla difusão de conhecimentos científicos que se vêm gerando nos últimos anos. Assim, Cruz (2008, p. 13) enfatiza que "buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas".

Nessa perspectiva, as produções acadêmicas geradas nos Programas de Pós-Graduação da Região Norte têm buscado capturar as vozes das crianças, assim como seus saberes, suas vivências imersas entre os rios, a floresta e os campos da Amazônia Paraense. Assim, capturam-se realidades amazônidas de crianças e suas infâncias que possuem características próprias, e que

produzem e reproduzem práticas sociais cotidianas, em um espaço multicultural e de uma riqueza espraiada em sua sociobiodiversidade, visibilizada em sua heterogeneidade.

Escolhas Metodológicas

Em termos metodológicos, nos aproximamos dos estudos configurados como estado do conhecimento e estado da arte, que possibilitam, num recorte temático e temporal, sistematizar a produção sobre um determinado campo: categorizar temas e subtemas: (re)conhecer os principais resultados de pesquisas; identificar recorrências, convergências, temas emergenciais, bem como ausências, lacunas e potencialidades.

Romanowski e Ens (2006) dizem que a intensificação de publicações do tipo "estado da arte" e/ou "estado do conhecimento" na área da Educação têm gerado muitas inquietações[3]. Nessa direção, elas levantam as seguintes indagações:

> [...] Quais são os temas mais focalizados? Como estes têm sido abordados? Quais as abordagens metodológicas empregadas? Quais as contribuições e pertinência destas publicações para a área? O que é de fato específico de uma determinada área da educação: a formação de professores, o currículo, a formação continuada, as políticas educacionais? Parece que o interesse pelos temas educacionais não tem sido suficiente para que mudanças significativas ocorram nos espaços de formação, sejam escolares ou não escolares (Romanowski; Ens, 2006, p. 38).

De fato, como pesquisadores da infância e da educação, temos constatado que os resultados das pesquisas, embora venham influenciando políticas públicas, não têm impactado com veemência a prática cotidiana da escola. É por conta dessa não tão expressiva alteração na prática, ainda que estudos publicados tenham crescido consideravelmente, que também nos propomos a analisar as interpretações e análises que vêm sendo produzidas em dissertações e teses. Entendemos que elas, de certa forma, podem explicar a falta de maior articulação com mudanças práticas, mas, para isso, é preciso recorrer a essas produções, dissecá-las na sua estrutura interna, articulá-las ao mundo exterior, aos acontecimentos/eventos e à organização das sociedades nas quais foram produzidas.

Para Ferreira (2002), os estudos configurados como estado da arte e/ou estado do conhecimento caracterizam-se pelo desafio de empreender mapeamentos da produção acadêmica sobre um campo de conhecimento, destacando as recorrências, convergências e lacunas que, em síntese, possibilitam o delineamento de "pistas" para novas pesquisas na perspectiva da complementariedade, aprofundamento, entre outros. A autora situa que, metodologicamente, tais estudos têm um caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica fomentada sobre um tema ou campo de conhecimento.

Muito mais que identificar a produção, o estado da arte e o estado do conhecimento implicam analisar, categorizar, desvelar múltiplos enfoques e perspectivas de análise empreendidos nos produtos analisados. Num estado da arte é importante considerar, de acordo com Soares e

[3] Embora grande parte dos autores não identifiquem diferenças entre esses dois tipos de pesquisa, entendemos que há, sim, diferenças e que este estudo, em particular, está muito mais próximo do tipo estado do conhecimento.

Maciel (2000, p. 4), “categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado”.

De um modo geral, os autores que se debruçam sobre a metodologia e as dimensões de pesquisas desse tipo não identificam diferenças entre estado da arte e estado do conhecimento. Muitos tratam as duas como sendo a mesma coisa, como sinônimas, mas uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de conhecimento pode nos indicar sutil diferença.

O conhecimento, para além da apropriação intelectual de um determinado campo empírico ou ideal de dados, é também um campo de conhecimento, o que significa dizer que ele se coloca como objeto de investigação. Trata-se de um conhecimento sobre o conhecimento, que requer do pesquisador não apenas a sistematização e identificação de correlações entre conhecimentos produzidos, mas um aprofundamento acerca da relação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido. Podemos dizer que realizar o estado do conhecimento é um ato científico-filosófico na medida em que requer procedimentos metodológicos bem definidos (como a definição de palavras-chave para a localização do material, a leitura de resumos etc.), mas também um olhar concentrado entre a “coisa conhecida” e o “ato de conhecer” atravessado por um EU (que é um NÓS), isto é, o sujeito do conhecimento. Nessa perspectiva de interpretação, entendemos ser o estado do conhecimento um aprofundamento do estado da arte.

Fato é que o estado da arte, também tratado como "estado da questão" ou "revisão da literatura", é correntemente empregado para estudos que fazem mapeamento de produções em um determinado campo científico, ou seja, constroem um inventário identificando tendências, convergências e divergências entre elas, enquanto que o conhecimento, para além do mapeamento ou do inventário, a partir do qual as tendências são identificadas, visa fazer a crítica sobre o conhecimento e, neste caso, ultrapassa os objetivos de construir uma cartografia.

Entendemos, assim, que o estado do conhecimento se constitui numa pesquisa do tipo bibliográfica, que perpassa as ações necessárias ao "estado da questão" ou da "revisão da literatura", isto é, de fazer um exaustivo levantamento da produção, que engloba o estado da arte, porque identifica as tendências, as convergências e as divergências, mas avança em direção a uma terceira dimensão: ao de adentrar nos meandros da produção, ao trazer à superfície as estratégias de construção dos discursos que materializam o texto científico na relação entre o sujeito que conhece e o conhecimento sistematizado.

Na realização da pesquisa bibliográfica, optamos por algumas escolhas metodológicas que pudessem subsidiar as buscas e, ao mesmo tempo, delimitar a produção levantada. Assim, priorizamos as obras resultantes das pesquisas empreendidas nas Universidades. Sabe-se que esse espaço não é o único lócus de produção do conhecimento, no entanto essa opção deve-se ao fato de que essa é uma de suas tarefas principais.

A temática investigada nos permite possíveis diálogos com outros meios de divulgações de pesquisas e levantamento bibliográfico, tais como: artigos em periódicos, livros, trabalhos apresentados na Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Educação/Anped, Banco de Teses e Dissertações da Capes, entre outros espaços dedicados à produção de conhecimento.

O período de busca das publicações foi estabelecido considerando como marco o período de efervescência do paradigma da Educação do Campo, que tomou conta dos debates envolvendo os movimentos sociais, as universidades e vários segmentos da sociedade civil organizada, culminando com a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação, em 2002, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo (Doebec) (Resolução CNE/CEB nº 01/2002) (Brasil, 2002) e, em 2008, das Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o Desenvolvimento de Políticas Públicas de Atendimento da Educação Básica do Campo (Resolução CNE/CEB nº 02/2008) (Brasil, 2008). Esse movimento desencadeou vários questionamentos acerca da realidade das crianças, dos jovens e dos adultos que residem em comunidades rurais do nosso país. Esse despertar suscitou interesse nas mais variadas áreas de conhecimento, introduzindo diversos estudos e pesquisas envolvendo os sujeitos do campo. Assim, a pesquisa foi realizada em sete universidades federais e duas universidades estaduais da Região Norte (Pará e Amazonas), conforme Tabela 1.

Tabela 1. Programas de Pós-Graduação da Região Norte.

Estado	Programa de Pós-Graduação
Acre	Educação – Ufac
Amapá	Educação – Unifap
Amazonas	Educação – Ufam Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – UEA
Pará	Educação – UFPA
	Educação – Uepa
	Educação – Ufopa
	Educação e Cultura Cametá – UFPA
Rodônia	Educação – Unir Educação Escolar – Unir
Roraima	Educação e Formação de Professores – UFRR
Tocantins	Educação – UFT

Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2021–2022).

Outro levantamento ao qual fazemos referência diz respeito às linhas de pesquisas oferecidas pelos programas de pós-graduação. Apesar de não termos encontrado nenhuma linha específica relacionada às crianças e às infâncias, essas linhas de pesquisas ofertadas possibilitam a realização de investigações que tratem da criança, infância e Amazônia (Tabela 2).

Tabela 2. Linhas de Pesquisa dos Programas de Pós-Graduação.

Instituto de ensino superior	Programa de pós-graduação	Linha de pesquisa
UFPA	Educação – PPGED	I- Educação, Cultura e Sociedade
		II- Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Educacionais
		III- Políticas Públicas Educacionais
UFPA Cametá	Educação e cultura – PPGEDUC	I-Culturas e Linguagens
		II-Políticas e Sociedades

Continuação [...]

Tabela 2. Continuação.

Instituto de ensino superior	Programa de pós-graduação	Linha de pesquisa
Ufopa	Educação – PPGE	I-História, Política e Gestão Educacional na Amazônia
		II-Conhecimento e Formação na Educação Escola
		III-Formação Humana em Contextos Formais e Não Formais na Amazônia
Ufac	Educação – PPGE	I-Políticas e Gestão Educacional
		II-Formação de Professores e Trabalho Docente
Unifap	Educação – PPGED	I- Educação, Culturas e Diversidades
		II-Políticas Educacionais
UFT	Educação – PPGE	I-Currículo, Formação de Professores e Saberes Docentes
		II-Estado, Sociedade e Práticas Educativas
Unir	Educação – PPGE	I-Formação Docente
		II-Políticas e Gestão Educacional
UFRR	Educação – PPGEDUC	I-Formação de Professores e Práticas Educativas
		II-Educação e Processos Inclusivos
Unir	Profissional em educação – PPGEE	I-Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas na Educação Básica
		II-Currículo, Políticas e Diferenças Culturais na Educação Básica
Uepa	Educação – PPGED	I-Formação de Professores e Práticas Pedagógicas
		II-Saberes Culturais e Educação na Amazônia
UEA	Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGECA	I-Currículo, Cognição e Formação de Professores
		II-Epistemologias, Divulgação Científica e Espaços não Formais
Ufam	Educação – PPGE	I-Processos Educativos e Identidades Amazônica
		II-Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional
		III- Formação e Práxis do(a) Educador(a) Frente aos Desafios Amazônicos
		IV-Educação Especial e Inclusão no Contexto Amazônico

Fonte: Produção dos autores do Projeto de Pesquisa, 2021–2022.

A partir do levantamento das linhas de pesquisa que correspondem aos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte, podemos constatar que, apesar de os estudos da infância se tornarem um campo teórico de natureza interdisciplinar, que cada vez mais vem ganhando espaço em pesquisas científicas, nota-se que nos referidos programas ainda não há um quantitativo expressivo em relação à temática foco deste artigo. As pesquisas apresentam temas diversos, geralmente relacionados ao processo escolar, ao currículo, à formação de professores, entre outros. A Universidade que tem dado mais ênfase nessa temática é a Universidade do Estado do Pará (Uepa). Acreditamos que essa visibilidade fica por conta da proximidade com a linha de pesquisa **Saberes Culturais e Educação na Amazônia**, na qual encontramos algumas produções focando as temáticas: criança, infância e Amazônia.

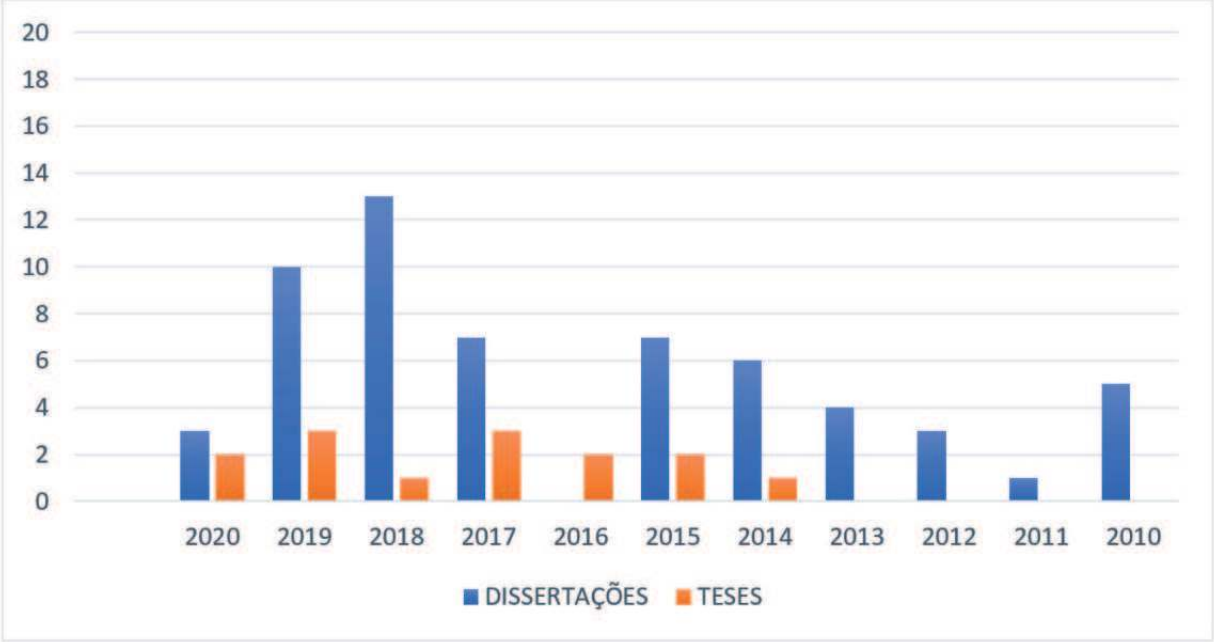
Mapeamento das Produções

Dos doze programas de pós-graduação selecionados, constatou-se que quatro deles estão situados em universidades do estado do Pará, dois no estado do Amazonas e dois em Rondônia. Os demais, nos estados do Amapá, Roraima, Acre e Tocantins, que contam apenas com um programa.

Para o levantamento, acessou-se o repositório de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação de cada uma dessas Universidades, considerando o recorte temporal da pesquisa (2010 a 2020). Os descritores utilizados na busca foram os seguintes: "Criança", "Infância" e "Amazônia". As produções que compõem esta pesquisa foram somente aquelas acessíveis pela internet nos portais, nas quais foi identificado um total de 73 produções acadêmicas, sendo 59 dissertações de mestrado e 14 teses de doutorado.

Com base nesses dados, podemos observar um quantitativo maior de dissertações em relação às teses. Essa evidência ocorre pelo reduzido número de cursos de doutorado em Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte. Cabe ressaltar que, atualmente, o doutorado vem sendo ofertado pelas seguintes universidades: Ufam, UFPA e Uepa[4], conforme nossas buscas nos portais. A disposição das dissertações e teses por ano de publicação podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1. Distribuição das teses e dissertações por ano de publicação.



Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2022).

Com relação aos dados expostos no gráfico 2, obtiveram-se as seguintes informações, considerando-se a temática da pesquisa: das 73 produções acadêmicas levantadas, 14 delas se concentram no ano de 2018, consistindo no maior quantitativo de produções publicadas em relação aos anos anteriores. Com relação aos demais anos, observa-se que as produções acadêmicas

[4] O curso de doutorado na UEPA foi aprovado recentemente, em 2018, o que implica dizer que no referido curso, até o momento, não ocorreram as defesas.

tiveram alta nos anos 2019, com 13 produções, e em 2017, apenas 10 produções. Nos demais períodos as produções escassearam, como é possível observar: em 2011 (uma); 2012 (três); e em 2016, (duas) produções, respectivamente, representam os menores índices de produções publicadas no período do levantamento acerca da temática.

É evidente que, nos últimos quatros anos (2017-2020), relacionados ao recorte temporal da pesquisa, o percentual de publicações apresenta um aumento expressivo em relação aos três anos iniciais (2010, 2011 e 2012) da pesquisa. Contudo, encontramos uma oscilação, em relação à temática pesquisada, no período que corresponde à pesquisa (2010-2020).

Outro dado importante a ser observado consiste na distribuição das dissertações e teses por estado da Região Norte. Notamos que o maior número de produções corresponde ao estado do Pará, com 53 (cinquenta e três) produções, incluindo teses e dissertações, seguido pelo estado do Amazonas, com 17 (dezessete), estado do Amapá, com 2 (duas), e estado do Tocantins, com 1 (uma) produção. Os dados apresentados podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição das produções acadêmicas por estados da Região Norte.

Estado	AC	AM	AP	PA	RO	RR	TO
Disertações	-	15	2	41	-	-	1
Teses	-	2	-	12	-	-	-
Total	**-**	**17**	**2**	**53**			**1**

Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2022).

Considerando as temáticas criança, infância e Amazônia, foco da presente pesquisa, constatou-se que o maior quantitativo de produções advém do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, 23 produções, somando teses e dissertações; seguido da Uepa, 22 dissertações selecionadas; Ufam, 9 produções, incluindo teses e dissertações; UEA, 8 dissertações; Ufopa, 5 dissertações; UFPA Campus Cametá, 3 dissertações; Unifap, 2 dissertações; e, por fim, Universidade Federal do Tocantins, 1 dissertação. Os dados apresentados estão dispostos na Tabela 4.

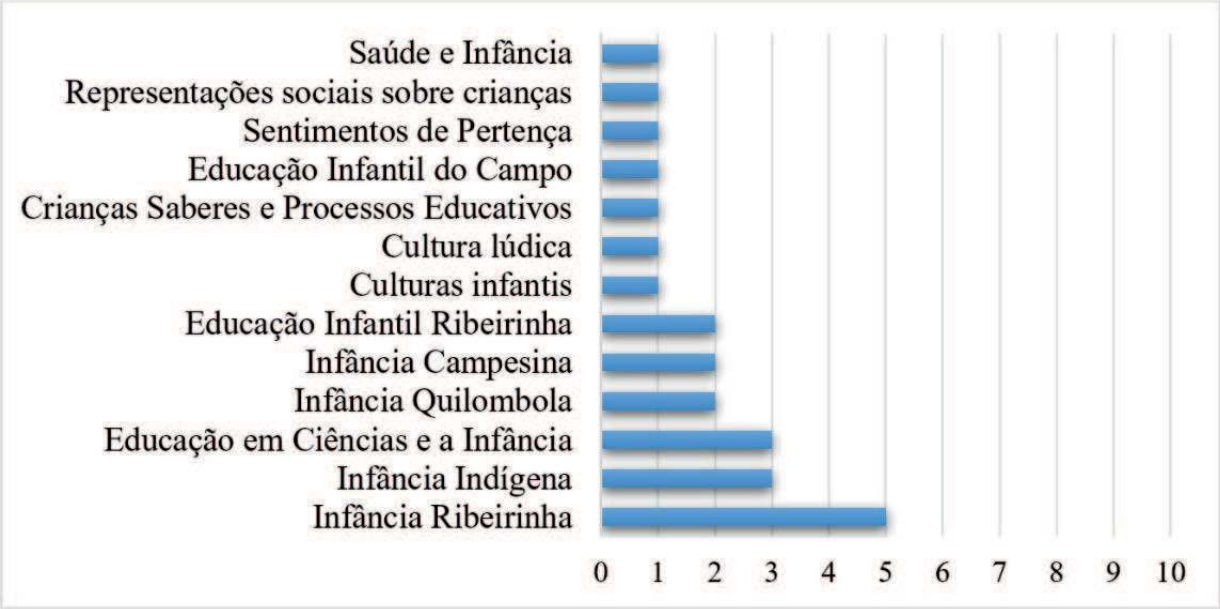
Tabela 4. Distribuição das produções por programa de pós-graduação.

Instituto de ensino superior	programa de pós-graduação	Dissertação	Tese
UFPA	Educação	11	12
UFPA-Cametá	Educação e Cultura	3	-
Uepa	Educação	22	-
Ufam	Educação	7	2
UEA	Educação e Ensino de Ciências na Amazônia	8	-
Ufopa	Educação	5	-
Unifap	Educação	2	-
UFT	Educação	1	-
Total	**-**	**59**	**14**

Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2021-2022).

Em nosso levantamento, identificamos pesquisas que retratam as diversas infâncias amazônidas. Dentre essas produções selecionadas, o foco temático recai sobre a criança e a infância ribeirinha, quilombola, indígena, campesina e urbana, como se pode observar na Figura 2. Logo, nossa percepção de infância não deve ser homogênea, tampouco urbanocêntrica: devemos considerar suas condições sociais, manifestações e práticas culturais para que possamos compreender a criança como um/uma sujeito/sujeita atuante, produtora de cultura.

Figura 2. Distribuição das teses e dissertações por ano de publicação.



Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2021-2022).

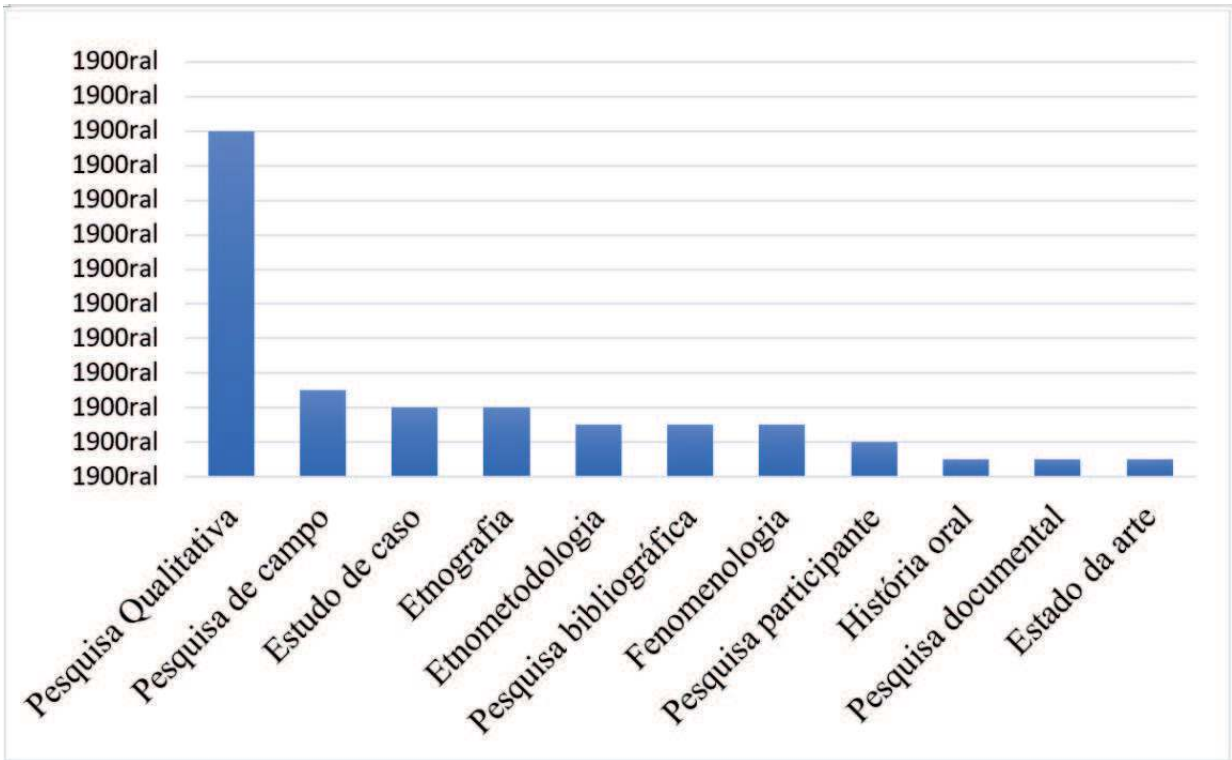
Esses dados preliminares da presente pesquisa foram coletados a partir da leitura dos resumos das 73 produções coletadas. Assim, foi possível identificar 24 pesquisas que mais se aproximam de nosso objeto de estudo, tendo em vista que algumas dissertações e teses não tratam exatamente das temáticas criança, infância e Amazônia, mas se aproximam dela.

Sabemos que para a realização de uma pesquisa, o pesquisador deve de antemão selecionar e organizar os procedimentos metodológicos que serão empregados no decorrer da pesquisa, cuja finalidade é a coleta de dados, seja dos sujeitos pesquisados ou em fontes bibliográficas. Com relação às pesquisas com crianças e infâncias na Amazônia, a leitura dos resumos das 24 produções selecionadas permitiu-nos perceber que estas trazem diferentes abordagens metodológicas, com o emprego de variadas técnicas/instrumentos, como demonstra a Figura 3.

Na Figura 3 estão expressos os dados referentes às abordagens metodológicas empregadas pelos autores nas pesquisas. Ressaltamos que, em determinadas pesquisas, os autores utilizam duas ou mais abordagens de pesquisas. Dessa forma, a partir dos dados obtidos, verificamos que a abordagem metodológica mais utilizada consiste na pesquisa qualitativa, empregada em 20 das 24 produções acadêmicas analisadas. A pesquisa de campo constitui o segundo método mais recorrente, seguido pelo estudo de caso e pesquisa etnográfica. Outras abordagens metodológicas também são citadas pelos autores: etnometodologia, fenomenologia, pesquisa bibliográfica e participante, história oral, pesquisa documental e estado da arte. Diante disso, notamos que a

pesquisa qualitativa é a abordagem metodológica mais utilizada nas pesquisas com crianças e infâncias na/da Amazônia.

Figura 3. Abordagens metodológicas de pesquisa.



Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2021-2022).

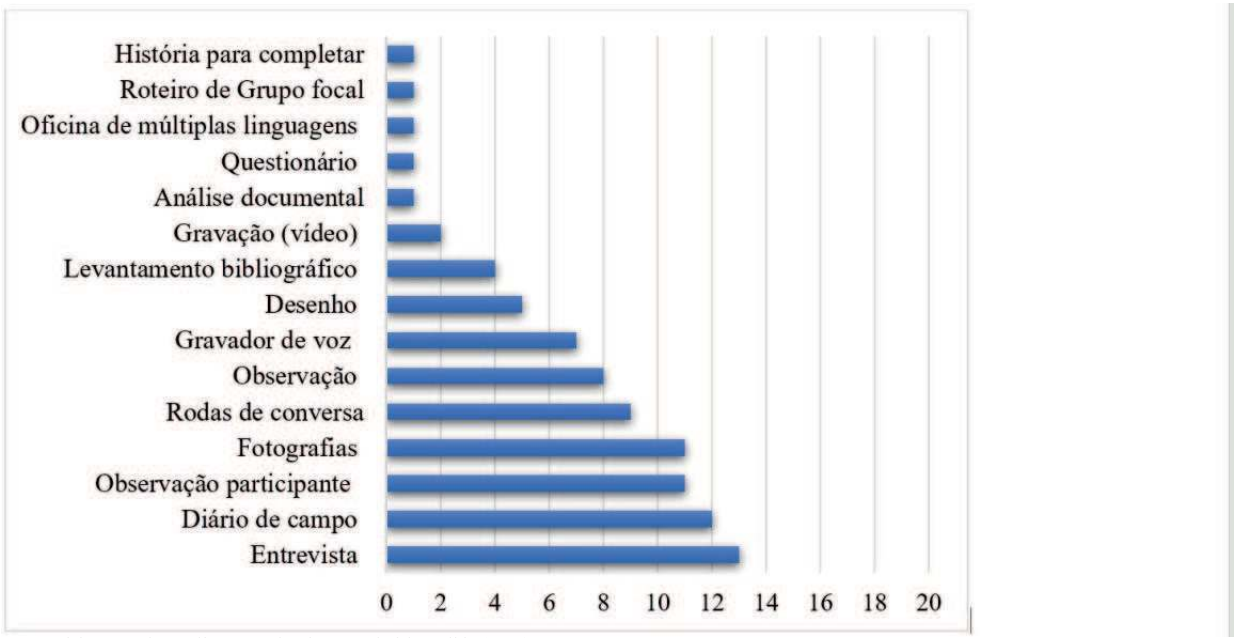
Com a leitura dos resumos também foi possível identificar as técnicas/instrumentos de pesquisas empregadas nas dissertações e teses. Neste levantamento obtivemos os dados expressos na Figura 4.

Das técnicas e dos instrumentos de pesquisa, verificamos que, os investigadores se utilizam de diferentes métodos na realização da coleta de dados, sendo a entrevista a mais recorrente, e, como segunda opção, os diários de campo. A Figura 5 apresenta as abordagens metodológicas mais evidenciadas por esses estudos.

No que se refere às metodologias de análise de pesquisas, verificamos que a análise de conteúdo é a mais recorrente em tais pesquisas. Em nove resumos analisados, os autores não explicitam qual é o método de análise, casos em que o referimos como sem definição. Os demais métodos empregados dizem respeito à interpretação de sentidos, análise fenomenológica hermenêutica, análise descritiva, análise do sujeito coletivo, análise microgenética e análise com base na teoria histórico-cultural.

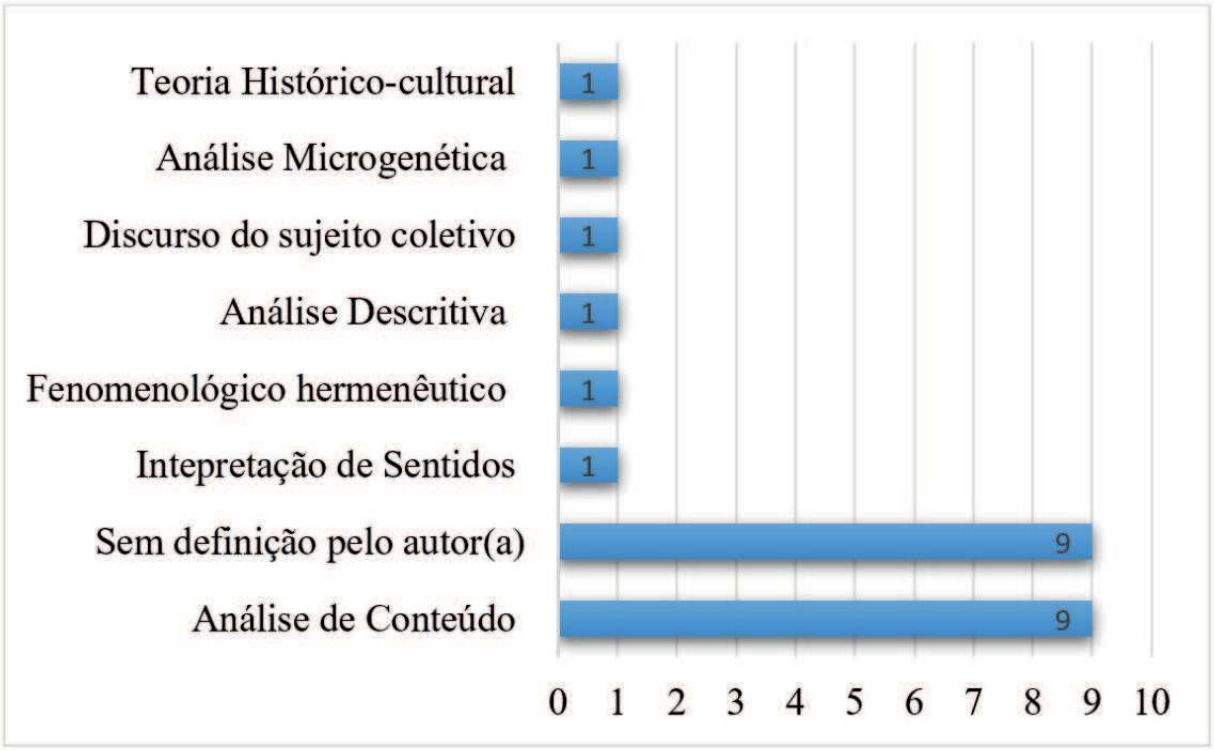
Os temas trabalhados nos gráficos nos mostram que diferentes procedimentos metodológicos têm sido adotados nessas pesquisas, quer seja em contextos urbanos, quer seja em comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas e rurais. A escola é o lócus principal na realização das pesquisas, sendo os níveis de Ensino Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental os mais requisitados.

Figura 4. Técnicas e instrumentos utilizados com maior expressão nas pesquisas.



Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2022).

Figura 5. Abordagens metodológicas de análise das pesquisas definidas pelos autores.



Fonte: Elaboração de Murilo Matos de Alcântara, bolsista Pibic (2022).

Achados Preliminares da Pesquisa

A pesquisa encontra-se em andamento e o que se pode constatar, a partir dos resultados preliminares, é que o desafio dessa investigação é imenso, denso e complexo, indicando-nos possíveis caminhos na construção de conhecimentos e no comprometimento com as crianças, as infâncias e a Amazônia, na Região Norte.

O mapeamento das produções acadêmicas produzidas nos cursos de Pós-Graduação em Educação da Região Norte, no período de 2010 a 2020, apresenta diferenciados objetos de investigação, sendo que os mais estudados se voltam aos estudos da infância ribeirinha, indígena, quilombola e campesina. Outros temas recorrentes são abordados: educação em ciências, culturas infantis, cultura lúdica, saúde, educação infantil ribeirinha, educação infantil do campo, crianças, saberes e processos educativos, entre outros.

No que se refere às abordagens metodológicas das produções, os autores explicitam suas escolhas por pesquisas de natureza qualitativa. No entanto, detectamos que outras abordagens metodológicas são recorrentes nas produções acadêmicas, tais como: etnometodologia, fenomenologia, pesquisa bibliográfica e participante, história oral, pesquisa documental e estado da arte. No que se refere às técnicas/aos instrumentos utilizados, os resumos apontam para variadas técnicas/variados instrumentos, no entanto as entrevistas sobressaem como as mais utilizadas, seguidas de diários de campo, do uso de fotografias, da observação participante, das rodas de conversas etc.

No que se refere à análise das pesquisas, verificamos que a análise de conteúdo é a mais recorrente. Contudo, em nove resumos, os autores não explicitaram o método de análise dos dados, sendo, portanto, tratados como sem definição. Outras metodologias de análise das pesquisas vêm sendo empregadas, segundo seus autores: à interpretação de sentidos, análise fenomenológica hermenêutica, análise descritiva, análise do sujeito coletivo, análise microgenética e análise com base na teoria histórico-cultural.

Os cursos de pós-graduação Stricto Sensu, de um modo geral, se constituem em espaços institucionais de produção de pesquisas na promoção e no fortalecimento dos conhecimentos. Na Região Norte, ainda é baixo o número desses cursos em educação em relação às demais regiões do País, no entanto vêm sendo ampliado nos últimos anos, num esforço coletivo de vários pesquisadores da região e órgãos competentes. Nesses programas constata-se uma pluralidade de abordagens, assim como de campos diversos entre as linhas de pesquisas, mas nenhuma dessas linhas enfatiza as temáticas crianças, infâncias e Amazônia.

Os dados aqui apresentados apontam a relevância e a necessidade de aprofundar estudos acerca da temática abordada. Dar visibilidade às produções acadêmicas podem despertar e impulsionar novas investigações comprometidas com o direito educacional das crianças e das infâncias que compõem a cartografia social da Amazônia. Nesse sentido, acreditamos ser necessário maiores aprofundamentos por parte dos pesquisadores da Região Norte, que, partilhado com outros coletivos das demais regiões do País, podem colaborar na construção de uma pedagogia da criança e da infância na Amazônia.

Referências

BRASIL. **Constituição. Constituição Federal de 1988**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei 8.069/90. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

BRASIL. **LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9. 394/96. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília, DF: MEC/SEB, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2002. Disponível em: http:// gov.br/mec/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 maio 2022.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, S. H. V. (org). **A Criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERREIRA, M. F.; LIMA, P. de M. Infância e etnografia: dialogia entre alteridade e similitude. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 1-14, jan./mar. 2020.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FREITAS, M. N. M.; TOUTONGE, E. C. P. Processos educativos de populações tradicionais da Amazônia: apontamentos para pensar o currículo de classe multisseriada. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 2, p. 1-12, 2021. DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n2.58076.

MOTA, M. L. **A criança na fronteira amazônica**: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância. 2016. 257 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto: Porto Editora, 2005.

SARMENTO, M. J. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 581-602, dez. 2011.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. P. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. 2000. Disponível em: http://mec.inep.gov.br. Acesso em: 2 jul. 2016.